

**ENTREVISTA  
EMILIANO RIBEIRO**

**O CINEMA ALTERNATIVO CARIOCA**



# **EMILIANO RIBEIRO**

## **TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA FEITA PARA O PROJETO**

### **ANTECEDENTES**

Emiliano iniciou sua carreira como ator-mirim. Tudo começou quando sua mãe resolveu obrigar a irmã de Emiliano a leva-lo para o seu trabalho na televisão. Um dia o convidaram para fazer o Francisco Millani quando criança em um flashback de novela. Depois fez durante dois anos uma série na TV Tupi. Tendo se tornado famoso, aos 17 anos, Emiliano cansara-se da vida de estrela, a falta de privacidade, pondo fim à carreira de ator.

Foi, então, chamado para ser continuísta no filme “Massacre no supermercado”.

Emiliano chegou a cursar a faculdade de arquitetura, mas desistiu da carreira, considerada enfadonha por ele.

### **INFLUÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS**

Roberto Farias, “Cidade ameaçada”, “Assalto ao trem pagador”, Nelson Pereira dos Santos, “Vidas Secas” – antes de entrar no cinema - e Arnaldo Jabor pelo seu trato com o elenco – Emiliano foi assistente de Jabor.

### **ANFÍBIO**

Emiliano se auto-define como um anfíbio, transitando em dois ambientes bastante distintos: o universo do curta-metragem e o que era o “cinemão” brasileiro da época.

Adorava o universo dos curta-metragistas, mas sentia que estes pecavam na execução do que classifica como o “beabá” cinematográfico. Sua experiência com o cinemão já o alfabetizara de modo que sua intenção como autor de curtas era conjugar o beabá aprendido nos longas com a liberdade criativa permitida pelo curta.

#### EXIBIÇÃO DE CURTAS NO HOTEL MERIDIEN

Organizou uma exposição de curtas de várias procedências (Corcina, ABD e apátridas) no Hotel Meridien com a presença de figurões do longa. Uma tentativa de misturar os dois universos. Segundo Emiliano: “Uma maneira de fazer o cinemão ver os curtas”.

#### ENTRADA NO CURTA-METRAGEM

“O culpado é o José Joffily”. Emiliano trabalhava na Refefê quando conheceu Joffily no filme “O casamento” – lá Joffily mencionou pela primeira vez a Corisco. Quando Emiliano foi fazer “Dona Flor e seus dois maridos” conheceu Murilo Salles, que também trabalhava no filme. Murilo mencionou novamente a Corisco, convidando Emiliano para uma visita à produtora.

#### CORISCO – PRIMEIRA IMPRESSÃO

“Quando eu cheguei e conheci as pessoas da Corisco, a primeira sensação que me deu foi: achei um negócio que me faltava porque são pessoas com uma relação bastante horizontalizada, que não era a relação do assistente de direção para qualquer diretor que esteja trabalhando, e são pessoas que detêm meios de produção: câmera, a Corisco tinha gravador. A Corisco tinha pessoas a fim de fazer cinema, simpáticas, bem-pensantes, que davam festas ótimas, tinha

um social muito agradável, e era tudo que eu precisava vindo da fábrica.”

## O ACIDENTE DE MOTO

Após um acidente de moto, Emiliano quebra a perna. Sem família, todos na Corisco se mobilizam para ajuda-lo, revezando-se por escalas. A partir daí, Emiliano passou a ver os membros da Corisco como uma “meia família”.

## CORISCO – INTEGRANTES DE PRIMEIRA HORA

Segundo Emiliano, a Corisco era originalmente composta por: Jorge Monclar, Roberto Moura, Mônica Segreto, Sérgio Santos, José Joffily, José Carlos Asbeg e Valéria Mauro, além dele mesmo. Segundo ele, Antônio Luís entra depois.

## FILMANDO DONA FLOR

Primeiro filme de Emiliano. “Making of” de Dona Flor em uma época em que praticamente não existia “making of”. Emiliano havia visto o “making of” do filme “Grand Prix”, com Paul Newman, tendo achado a ideia sensacional. A vastidão de recursos de Dona Flor (“Era tudo vezes cinco”, diz Emiliano) despertou-o para a possibilidade de fazer o curta com as sobras de negativo e o tempo ocioso de câmera.

## DIGA AÍ, BAHIA

Os recursos para o filme surgem de uma transação de Emiliano com Luís Carlos Barreto. Emiliano filmaria um institucional para Barreto de graça, recebendo em troca o material, hospedagem para filmar o “Diga aí, Bahia”. A câmera foi da Corisco.

A ideia partiu de Álvaro Freire, ator de “Dona Flor e seus dois maridos”, co-diretor do filme.

Desencontro no primeiro dia de filmagem: Emiliano passa o dia em um dos carros de produção procurando Álvaro Freire. Álvaro passa tb o dia no segundo carro da produção procurando Emiliano. Só se encontram à noite no hotel. Nenhum plano fora rodado.

A proposta do filme: “Uma das coisas que se reclamava, eu, pelo menos, sem tirar a minha pele é por que toda vez que você aborda um assunto importante: sei lá, eu vou falar de câncer....o filme vira um bode. O bode do tema atinge o discurso. O discurso vira bode. No documentário isso era muito pesado de uma maneira geral. Sem querer falar mal da geração anterior, adoro Farkas, adoro Sarno, trabalhei com o Geraldo... Mas, o traço era de grande seriedade. E, como havia ditadura muito pesada do ponto de vista político, havia a necessidade de outras coisas que não a política. Nessa época eu usava cabelo até aqui e tava muito mais pra hippie do que pra comunista. Eu conversava das ideias comunistas, eu protegia meus amigos comunistas na hora que a polícia queria falar com eles, mas eu era hippie. Tava mais pra Caetano Veloso do que pra Geraldo Vandré. E tudo isso levava a: vamos avacalhar esse troço. A gente acha isso uma merda. Ao invés de derrubar, avacalha”.

“Diga aí, Bahia” é interditado em todo território nacional. Nelson Pereira dos Santos, contactado por Emiliano e Álvaro Freire, consegue com apenas um telefonema liberar o filme.

O motivo da censura se deu pela seguinte cena: Fala de um dos depoentes dizendo: “A Petrobrás é governo e governo é nação” montada junto com um plano de um menino no lixo batendo continência pra câmera.

“Diga aí, Bahia” por ser, na definição de Emiliano, um documentáriocomédia passa junto com o longa “Noivo neurótico,

noiva nervosa”, de Woody Allen. O filme de Allen fatura um absurdo e Emiliano segue no rastro dos 5% da bilheteria.

## JORGE ABRANCHES E VISÃO CINEMATOGRAFICA

“Diga aí, Bahia” vai para o Festival de Brasília. Lá, Emiliano encontra Jorge Abranches que na época era um empresário bem-sucedido: fábrica de barracas cujo principal cliente era o exército da Bolívia. Pergunta a Emiliano se ele quer vender o “Diga aí, Bahia”. Ao invés de vender o filme, Emiliano convida Abranches a montar uma produtora no que viria a ser a Visão Cinematográfica em 77-78. Abranches compra uma câmera 16 mm.

## COOPERATIVISMO, ESTADO E CBC

“Havia por parte do Estado a venda para a população da ideia do cooperativismo. O cooperativismo era pauta. Os longa-metragistas tinham fundado a Cooperativa Brasileira de Cinema, cujo presidente era o Nelson Pereira, que tinha comprado um cinema ali em Copacabana... quer dizer, a ideia do cooperativismo estava na pauta”.

## VISÃO CINEMATOGRAFICA – SEDE CORCINA

Duas salas em cima do teatro Opinião, na Siqueira Campos. Onde também ficava a Visão Cinematográfica, produtora de Emiliano e Jorge Abranches.

## PÉO NÃO FOI PRESIDENTE DA CORCINA

“Quando o Péo legitima, se eu não me engano, o primeiro presidente da Corcina, acho que é o Sérgio Resende. O Péo era o doutor Ulisses:

carregou até a abertura, mas não tomou posse (...) Eu não me lembro do Péo presidindo, mas fundando a Corcina, fazendo a Corcina virar verdade. Mas também tinha essas coisas de é preciso ter mais gente pragmática, é preciso ter mais gente com pé no chão: Sérgio, Marisa, eu, Zé Jofilly...”

## TESOUREIRO

Emiliano foi tesoureiro da Corcina. Reclama dos orçamentos estapafúrdios de alguns filmes.

## COOPERATIVISMO CORCINA

“Porque a ideia da Cooperativa não tava só na pessoa jurídica suportava aqueles filmes. Eu fiz vários filmes, inclusive o da Denise, em que eu recebi em percentual da renda do filme. Aliás, o da Denise, a gente trocou. Ela fez o “Brilho da noite” sem cobrar e eu montei o dela”.

## O BRILHO DA NOITE

Nasce de um cheque de Jorge Abranches dado a Emiliano como compensação pelo fechamento da Visão Cinematográfica após um ano de atividade. Abranches já tinha realizado o seu curta, “Era uma vez”, nesse tempo. De modo que Emiliano cobrou o seu, recebendo o dinheiro para a realização do filme na hora das mãos de Jorge.

Música “Tigresa”. Tema: liberação feminina.

O filme não foi bem recebido. Dada a má recepção, Emiliano vende para Sorrentino a preço fixo.

## JORNADA DE SALVADOR

Segundo Emiliano, espaço privilegiado para troca de experiências e elaboração de propostas. Não desenvolve um raciocínio mais amplo.

## ABD 88-90

Emiliano foi presidente na ABD entre 88 e 90, nos estertores do curta-metragem. A televisão é vista por ele no período de crise como novo espaço para o qual migrar. A tese de Emiliano é a seguinte: a televisão é concessão pública, logo o governo tem o direito de exibir nela o que bem entender diferentemente dos exibidores cinematográficos: um critério de isonomia poderia até obrigar a exibição de curtas nacionais, mas sem grandes especificações – abre-se aí o espaço para a produção de péssima qualidade dos próprios exibidores.

## TRAMA FAMILIAR

Feito no consultório onde Emiliano fez análise. O seu psicanalista contribuiu no roteiro.

O filme foi realizado para um congresso na Holanda.

Taxado de filme burguês, de direita.

Emiliano diz que o filme trata de um problema existencial. E a existência “não tem direita-esquerda”.

O filme ganhou melhor roteiro e direção na Jornada de Salvador.

## JOÃO CÂNDIDO - O ALMIRANTE NEGRO

Livro do Edmar Morel “Revolução da chibata” ou “Levante da chibata”, Emiliano não se lembra ao certo do livro, como primeira inspiração para o filme. Emiliano via no material o potencial para a realização de um Potemkin brasileiro.



Levou o projeto, inicialmente de um longa para Paulo Porto, produtor, entre outros filmes, de "Toda nudez será castigada" e "O casamento" de Arnaldo Jabor.

## A VIAGEM DE VOLTA

Volta ao universo da terapia de "Trama familiar". A análise para Emiliano era a solução para os membros de uma geração que não queriam seguir o caminho direito, careta, "trabalhando na Petrobrás" nem pegar em armas para derrubar o governo, espremidos ali no meio.

Presença da vídeo-terapia.

Vem em parte da experiência de Emiliano no NUTES, fazendo filmes sobre doença.

Fez laboratório em uma comunidade terapêutica para o filme.

Consegue realizar o filme graças ao Collor. Ninguém estava trabalhando. Conseguiu, então, que amigos conseguissem trabalhar de graça no filme.

## TELACOMUNICAÇÕES

Produtora que Emiliano abre em 1979.

Por que abre a produtora: 1- tinha percebido que o governo não aceitaria mais a figura do realizador autônomo; 2- abatimento do imposto de renda.

Produziu pela Telacomunicações 3 ou 4 curtas. Lembra-se de 2 títulos: "A mulher direita", Carlos Martins, e "Sinfonia caipira" – não

lembra o nome do diretor, lembra-se que ele era de Goiás e amigo de Sílvia Da-Rin.

## VÔO SOLO

Comentário feito logo após a menção da criação da Telacomunicações, produtora de Emiliano:

“O cooperativismo, o espírito de grupo, a patota que um faz o filme do outro, é fundamental para você nascer e dar uma crescida, mas chega um ponto profissional em que o voo solo é inevitável, ele se impõe.”

## CORISCO E O MERCADO – LEMBRANÇAS DE UM COMERCIAL JAMAIS FEITO

“Aliás, tem uma história dentro da Corisco irresistível de contar: uma discussão absolutamente bizantina que durou semanas sobre se nós faríamos ou não um comercial de um prédio de construção civil no Alto Leblon. O que isso iria dizer dentro do currículo da empresa, o valor daquele dinheiro, que produto estaríamos vendendo, o que estaríamos fazendo...e era só um comercial de 30 segundos sobre uma construtora! Mas não fizemos o filme”.

## NUTES

Emiliano trabalha para o Nutes durante 4 anos: ganha-pão.

## MATERIAL A COLETAR

Emiliano tem uma cópia de “O brilho da noite”. Não sabe onde está o negativo.

